



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
BACHARELADO EM TRADUÇÃO E INTERPRETAÇÃO EM LIBRAS E LÍNGUA
PORTUGUESA (TILSP)

MARIA CLARA GANDINI RIBEIRO

**ENSINO DE LIBRAS COMO LÍNGUA ADICIONAL: ESTRATÉGIAS E RECURSOS
DIDÁTICOS**

SÃO CARLOS

2025



MARIA CLARA GANDINI RIBEIRO

**ENSINO DE LIBRAS COMO LÍNGUA ADICIONAL: ESTRATÉGIAS E RECURSOS
DIDÁTICOS**

Trabalho de conclusão de curso
apresentado ao Curso de Tradução e
Interpretação em Libras e Língua
Portuguesa da Universidade Federal
de São Carlos - UFSCar, para
obtenção do título de Bacharel em
Tradução e Interpretação em Libras e
Língua Portuguesa.

Orientador: Prof. Dr. João Paulo da
Silva

São Carlos

2025



AGRADECIMENTO

Eu agradeço a todos que me ajudaram neste trabalho e que ouviram minhas queixas, em especial ao meu orientador, João Paulo, sem ele este trabalho seria apenas uma ideia no fundo do meu amontoado de pensamentos. Agradeço também àqueles que, sem perceber, me encorajaram a escrever e continuar meu percurso dentro da universidade. Deixo minha gratidão à minha família e amigos que sempre estavam cuidando de mim e rezando pelo meu bem-estar durante esta trajetória.



RESUMO

O objetivo deste trabalho é analisar os recursos didáticos e estratégias empregados em uma disciplina de libras como segunda língua para ouvintes em uma universidade do interior de São Paulo. Mais especificamente, o trabalho se voltou para a descrição de como esses recursos contribuíram para a aquisição da libras em nível básico por estudantes ouvintes que não tinham nenhum conhecimento prévio da língua, como verificado pelo docente na primeira aula da disciplina. Para tanto, tomamos como base trabalhos que discutem o ensino-aprendizagem dessa língua em contexto formal, evidenciando o papel de diferentes recursos na aquisição de uma língua gesto-visual, com destaque para o papel da escrita de sinais como um dos recursos na aquisição dessa língua (LEITE, MCCLEARY, 2009; BLANC, 2022). A metodologia utilizada foi desenvolvida por Leite e McCleary (2009), que fez um estudo em diário, observando aulas de libras como segunda língua por professores surdos em nível básico, intermediário e avançado. O presente estudo se concentra apenas na descrição do nível básico. Após a análise dos materiais foi revelado que, nesta pesquisa, se torna importante um ensino com múltiplos materiais didáticos, visando uma melhor aquisição linguística.

Palavras-chave: escrita de sinais; SignWriting; libras

ABSTRACT

The objective of this work is to analyze the teaching resources and strategies employed in a Brazilian Sign Language (Libras) as a second language course for hearing students at a university in the interior of São Paulo. More specifically, the work focused on describing how these resources contributed to the acquisition of Libras at a basic level by hearing students who had no prior knowledge of the language, as verified by the teacher in the first class of the course. To this end, we based our work on studies that discuss the teaching and learning of this language in a formal context, highlighting the role of different resources in the acquisition of a gestural-visual language, with emphasis on the role of sign writing as one of the resources in the acquisition of this language (LEITE, MCCLEARY, 2009; BLANC, 2022). The methodology used was developed by Leite and McCleary (2009), who



conducted a diary study, observing Libras as a second language classes taught by deaf teachers at basic, intermediate, and advanced levels. This study focuses only on the description of the basic level. After analyzing the materials, it was revealed that, in this research, teaching with multiple didactic materials is important, aiming for better language acquisition.

Keywords: sign writing; Sutton SignWriting; libras; sign language



SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	1
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	5
3 METODOLOGIA.....	20
4 ANÁLISE.....	21
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	37
REFERÊNCIAS.....	37



1 INTRODUÇÃO

Minha trajetória com a língua de sinais brasileira (libras) começou ainda no colegial, no ano de 2020, quando eu e meus amigos da época decidimos que seria uma ótima ideia aprender língua de sinais para nos comunicarmos à distância em sala de aula por meio de uma língua gesto-visual, já que no mapeamento feito pela coordenação nós estávamos separados uns dos outros e não poderíamos conversar falando em português. Essa ideia me motivou a comprar um dicionário de libras e a aprender o alfabeto manual, os números e alguns sinais. A nossa ideia conjunta de aprender libras entre amigos para nos comunicar em sala não foi tão bem sucedida quanto esperávamos e, dentro de alguns meses, o aprendizado foi deixado de lado.

Em 2022, decidi ingressar no curso de bacharelado em tradução e interpretação de libras e português. Naquele momento começou, realmente, o aprendizado desse novo idioma, com práticas e avaliações que tinham como objetivo me levar à fluência em libras. Logo me dei conta de que a aprendizagem da libras envolvia uma série de desafios e o processo de aquisição dessa língua se tornou tópico de reflexão para mim enquanto estudante do curso.

No segundo ano do curso, tive contato, de modo muito inicial, com umas das sistemas de escrita de sinais, isto é, aquela mais conhecida pelo termo em inglês *signwriting* (SW). Trata-se do sistema de escrita criado em 1974 por Valerie Sutton, originado de um sistema usado para escrever movimentos de dança e que posteriormente chamou a atenção de pesquisadores da língua de sinais dinamarquesa, que estavam procurando uma forma de escrever os sinais e viram naquele sistema uma possibilidade de adaptação (QUADROS, 1999).

Inicialmente vi a escrita de sinais apenas como uma curiosidade interessante, uma característica extra do idioma, e aprendi o básico. Contudo, saber o básico plantou uma semente em minha cabeça, e eu queria aprender cada vez mais. A partir disso, iniciei uma busca por manuais e por aulas sobre o assunto. O meu interesse logo se tornou o tema do meu projeto de pesquisa neste trabalho de conclusão de curso, em que me propus a investigar de que maneira o SW - dentre outros recursos didáticos - pode ser um facilitador na aprendizagem de uma língua gesto-visual como a libras, conforme já havia sido sugerido por Leite, McCleary (2009). A proposta inicial foi observar duas turmas iniciais de libras, sendo que, em



uma delas fosse empregado o SW como recurso didático e outra em que não fosse usado esse sistema, e descrever as diferenças observadas no processo. Essas disciplinas foram ministradas pelo orientador desta pesquisa, o professor João Paulo da Silva.

Apesar de não ser o único sistema de escrita existente para a libras (ver BARROS, 2016; LESSA-DE-OLIVEIRA, 2012; BENASSI, 2019), o SW é o sistema de escrita mais difundido entre a comunidade surda brasileira. Existem muitos textos, manuais, sites e aulas sobre esse sistema de escrita. Esses materiais são extremamente importantes porque eles modelam a infraestrutura que possibilita a difusão do sistema nas práticas dessa comunidade: manuais que ensinam a ler e a escrever esses grafemas, como o de Valerie Sutton, traduzido pela Marianne Rossi Stumpf, ou ainda aquele criado por Ricardo Barros, são relevantes no aprendizado da escrita; em um site como o SignPuddle Online,¹ por exemplo, os usuários podem pesquisar sinais já existentes em um banco de dados ou criar sinais que ainda não tenham sido registrados;² pesquisas acadêmicas como aquela desenvolvida por Blanc (2022), dentre outros, impulsionam a reflexão sobre o tema e colocam a escrita na pauta das reflexões dos processos de ensino e aprendizagem de línguas de sinais.

O objetivo inicial deste trabalho foi, como dito acima, o de explorar o papel da escrita de sinais como recurso no ensino-aprendizagem da libras em nível básico. Para tanto, a proposta do projeto foi a de fazer um estudo comparativo entre os recursos didáticos empregados por um professor de libras em duas turmas diferentes, isto é, uma em que ele utilizasse a escrita de sinais SW como recurso didático e outra turma em que ele, valendo-se dos mesmos recursos, não utilizasse a escrita de sinais durante as aulas. Para tanto, partiu-se da análise dos possíveis facilitadores e complicadores na aprendizagem de libras como segunda língua (LEITE, MCCLEARY, 2009), investigando, dentre os vários fatores implicados, a ausência de um sistema de escrita que pudesse servir como recurso na retomada de sinais escritos na própria língua. A problemática levantada pelos autores tem a ver

¹ <https://www.signbank.org/signpuddle/>

² Nesse site, pude entrar em contato com a comunidade que está desenvolvendo um aplicativo para celular que tornaria mais fácil a utilização deste sistema de escrita. Esse grupo conta com mais de 200 pessoas, entre surdos e ouvintes, está também Valerie Sutton, a criadora do sistema de escrita, esclarecendo dúvidas, engajando e promovendo cada vez mais o SW.



com a falta de um instrumento para registro claro e preciso dos sinais aprendidos, forçando os estudantes a dependerem exclusivamente da memória, sem possibilidade de fazer registro das aulas ou utilizando do português escrito criando anotações pouco claras e imprecisas dos sinais (2009, p. 253-4). Desse modo, esta pesquisa se propôs a, inspirada no trabalho de Leite e McCleary, fazer uma observação participante das aulas, de modo a descrever o impacto do uso da escrita de sinais em aulas de libras e comparando com aulas que não se valessem desse recurso. Essa comparação é feita a partir de um estudo em diário, tal como foi feito por Leite (2001, 2009).³

Como já discutido por Leite e McCleary, não podemos atribuir a um único recurso - como a escrita SW - o sucesso ou fracasso na aprendizagem da libras. Na dinâmica que se produz em sala de aula, outros fatores podem impactar a maneira como a língua é ensinada/aprendida, como, por exemplo, aspectos linguísticos e sociolinguísticos (a modalidade gesto-visual da língua), aspectos socioculturais (como a possibilidade de encontrar sinalizantes nativos para praticar a língua), aspectos pedagógicos (como a ausência de materiais didáticos), ou ainda aspectos psicológicos (como a falta de *feedback*, isto é, o fato de os aprendizes de libras não terem retorno visual da sua própria produção, como acontece em língua oral, que os falantes ouvem a própria fala), dentre outros. Nesse sentido, tal comparação exige que levemos em consideração aspectos mais abrangentes do que a própria escrita SW, de modo que seja possível circundar a ecologia semiótica produzida nas

³ Com a crescente demanda por ensino de Libras nos diferentes espaços de ensino formal, outros trabalhos recentemente têm se voltado para essa problemática. Blanc (2022) propõe, em uma abordagem voltada para o ensino baseado em tarefas, que o ensino-aprendizagem da libras deve envolver o desenvolvimento de atividades de leitura e escrita no sistema SW. Numa perspectiva de ensino baseado em tarefas, Blanc propõe a análise de uma unidade didática para o ensino de libras como segunda língua, concomitante ao de sua escrita pelo sistema de escrita de sinais SW. A unidade didática foi criada pela própria autora e contém exercícios voltados para o desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita nessa língua. Esses mesmos exercícios parecem prever a interação em libras na sala de aula, ou seja, enquanto discutem e/ou corrigem os exercícios, os estudantes parecem ser levados a se expressar em libras sinalizada. Essa proposta supriria uma das lacunas apontada por Leite e McCleary (2009) já mencionada acima, isto é, a de que as aulas de libras observada por eles não contemplavam a escrita da língua em um sistema que capturasse as suas características. Isso parece ser um avanço significativo no ensino-aprendizagem dessa língua. Diferentemente de Blanc, cujas análises procuram descrever uma unidade temática seguindo os parâmetros da teoria de ensino baseado em tarefas, esta pesquisa se voltou para a análise das estratégias usadas pelo professor em sala de aula e para a observação dos seus efeitos na dinâmica que se produziu em sala a partir do uso dos diferentes recursos, descrevendo, em uma abordagem de inspiração etnográfica, a dinâmica que se produziu em sala a partir do uso ou não uso desse recurso.



práticas em sala de aula. Essa ecologia semiótica se revela no uso de diferentes materiais semióticos para além da escrita, como os slides, materiais impressos e a próxima gestualidade do docente e dos discentes em interação. Assim, esta pesquisa revela diferenças importantes em relação aos dados observados na pesquisa de Leite (2001) e Leite e McCleary (2009), que dizem respeito ao estágio do conhecimento sobre a língua e os processos de ensino-aprendizagem agora disponíveis. Neste trabalho será realizada investigação do papel das tecnologias de registro (dentre elas a escrita) nos processos de aquisição de uma língua de modalidade gesto-visual e de maneira como os vários recursos didáticos são mobilizados nessas aulas em coordenação com outras estratégias didáticas, de modo a produzir significação necessária para a aquisição dessa língua gesto-visual.

Como argumenta Stewart (2010, p.23), a escrita não é uma simples transcrição derivada da linguagem falada: desde o seu surgimento enquanto instrumento de contabilidade na Mesopotâmia, a escrita é parte integrante de operações cognitivas que seriam simplesmente impossíveis com base apenas na linguagem falada.⁴ A ação de preparar listas de palavras a serem ensinadas é um ato de categorização que organiza a língua em certa perspectiva e esse tipo de prática parece ter impacto na forma como as categorizações são feitas e, conseqüentemente, em como a língua é aprendida. Por outro lado, enquanto uma língua gesto-visual, a libras tem aspectos que, ainda que passíveis de registro escrito, são pouco apreendidos por ela, que é a corporeidade da interação. E não apenas a libras, já que toda comunicação falada envolve, além de palavras, modulação prosódica e movimentos do corpo todo: do tronco, das mãos, dos olhos, dos músculos da face. Esses elementos, apesar de poderem ser escritos, são bastante limitados pela escrita (POYATOS, 2002, citado por McCLEARY, 2011).

Desse modo, as descrições que faremos neste trabalho visam chamar a atenção para como os diferentes recursos foram mobilizados em aulas da disciplina de libras e como eles serviram como instrumento para os estudantes se apropriarem da língua em nível básico. Esta pesquisa faz uma observação das práticas *in loco* e descreve situações concretas em que esses recursos foram empregados.

⁴ No original: “quite contrary to what many contemporary linguists assume), writing is not a simple derivative transcription of spoken language; right from the start, writing is an integral part of cognitive operations that would be simply impossible on the sole basis of spoken language.”



Este trabalho se organiza da seguinte forma. Na próxima seção, apresento os pressupostos teóricos que guiaram esta pesquisa. Na sequência, descrevo a metodologia empregada e passo, finalmente, à análise dos dados.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Hoje, ao menos no meio acadêmico, já não restam dúvidas de que as línguas de sinais são línguas naturais tão ricas em recursos de expressão como qualquer língua oral. Essas línguas se organizam também em diferentes níveis de análises (fonético-fonológico, morfológico, sintático e semântico-pragmático). Apesar de não haver um sistema de escrita amplamente consolidado, existem propostas de sistemas de escrita que representam os aspectos fonológicos das línguas de sinais, tais como a escrita de sinais criada por Valerie Sutton, a escrita de sinais ELiS, a SEL e a VisoGrafia (VG) (cf. FREITAS, BARROS, FERNANDES, 2020; LESSA-DE-OLIVEIRA, 2019; BENASSI, 2018). A nosso ver, a grande vantagem do sistema SW em relação a outros sistemas de escrita é a iconicidade característica desse sistema de escrita, quando comparado aos outros sistemas. Apesar de os três sistemas serem aptos a representar os aspectos fonético-fonológicos da libras, tais como a configuração e a orientação das mãos, a sua localização e o seu movimento, bem como expressões faciais e corporais, a legibilidade do sistema SW parece ser o principal ponto a favor desse sistema de representação escrita. A título de exemplificação, um sinal como CASA pode ser escrito em SW como se vê na figura abaixo.



A forma acima representa os parâmetros usados na formação do sinal, a saber: ele é sinalizado com as duas mãos verticais abertas, palma a palma, dedos inclinados uns para os outros, tocando as mãos pelas pontas dos dedos. Os aspectos icônicos dessa escrita são a configuração de mão, que se assemelha à forma da mão, alguns aspectos da orientação da palma (o lado branco representa a

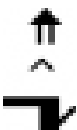
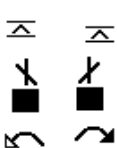
palma, enquanto o lado preto representa as costas da mão) e a localização das mãos, uma em relação à outra. O tipo de contato é menos icônico e precisa ser memorizado. Na figura acima, os dois asteriscos significam *dois toques*. Além desse, outros tipos de contato também são simbólicos e devem ser memorizados para que a leitura do sinal seja feita adequadamente. A tabela a seguir apresenta os diferentes tipos de contato usados para a leitura dos sinais em SW, com exemplos ilustrados a partir de sinais da libras.

Símbolo	Nome	Exemplo	Descrição
*	Contato		Representado por um asterisco indica um leve contato feito gentilmente entre duas partes do corpo. Exemplo: o sinal CASA descrito anteriormente.
+	Pegar		Representado pelo sinal de adição , indica que alguma parte do corpo ou da roupa é agarrada. Exemplo: o sinal MARAVILHA é feito com os dedos polegar e indicador em forma de pinça enquanto os outros dedos estão estendidos, fazendo um movimento para frente pegando o lóbulo da orelha.
*	Entre		Representado por um asterisco entre barras verticais , indicando que há um toque de duas partes do corpo que passam através de outra, de forma intercalada, normalmente usado para 'entre dedos'. Exemplo: o sinal INTERVALO é feito com a mão esquerda aberta com os dedos indicador e médio unidos e os dedos anelar e mínimo unidos, restando um espaço entre esses dois grupos de dedos, com a palma virada para o sinalizante; a mão direita em "B" com a palma para cima fazendo um movimento horizontal se encaixando entre os grupos de dedos.
#	Bater		Representado por uma hashtag , é semelhante ao de contato, mas feito com mais força. Exemplo: o sinal PAGAR é feito com a mão dominante fechada e com o indicador destacado desce sobre a palma da mão de apoio voltada para cima.

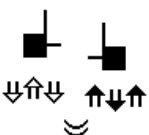
⊙	Escovar		Representado por um círculo com um ponto preto no centro , indica que há um rápido contato entre a mão e outra superfície do corpo, deslizando para fora. Exemplo: o sinal LEGAL é feito com a mão em 4, palma para frente, passando a lateral do indicador para frente, sobre a bochecha, duas vezes.
@	Esfregar		Representado por uma espiral , similar ao anterior com a diferença de permanecer na superfície. Exemplo: o sinal VINHO é feito com a mão em V, palma para a esquerda, pontas dos dedos tocando a bochecha e esfregando em pequenos círculos verticais para frente (sentido horário) sobre ela.
⌒	Superfície		Representado por uma barra horizontal e um semicírculo , o sinal é feito usando a outra mão como base para exploração da superfície superior. Exemplo: o sinal COPO é feito com a mão vertical aberta, palma para baixo, dedos inicialmente flexionados e, em seguida, se a articulação proximal dos dedos se abre, movendo os dedos para cima.

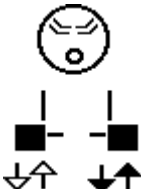
Outros símbolos igualmente simbólicos são aqueles que representam os movimentos dos dedos, como aqueles apresentados na tabela abaixo.

Símbolo	Nome	Exemplo	Descrição
●	Articulação média fecha		Representado por um círculo preenchido , a articulação média dos dedos se fecha. Exemplo: o sinal AMAR é feito com a mão em C, palma virada para a esquerda, tocando a região esquerda do tórax. A articulação média dos dedos se fecha, resultando em mão em S.
○	Articulação média abre		Representado por um círculo não preenchido , a articulação média dos dedos se abre. Exemplo: o sinal LUZ é feito com as pontas dos dedos unidas, palma para baixo, acima da cabeça. Mover ligeiramente as mãos para baixo, abrindo-as e separando os dedos.

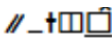
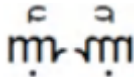
∨	Articulação proximal fecha		Representado por um caron (circunflexo invertido) , a articulação proximal fecha. Exemplo: o sinal CURIOSIDADE é feito com a mão vertical aberta, palma para frente, dedos flexionados, polegar paralelo aos demais dedos ao lado do olho direito. Aproximar e afastar os dedos do polegar, duas vezes.
^	Articulação proximal abre		Representado por um circunflexo , a articulação proximal abre. Exemplo: o sinal MAIS é feito com a mão vertical aberta, palma para baixo, dedos inicialmente flexionados e, em seguida, se a articulação proximal dos dedos se abre, movendo os dedos para cima.
⌢	Abrir entre duas superfícies		Representado por um circunflexo entre barras , as superfícies dos dedos se afastam uma das outras. Exemplo: o sinal DIFERENTE é feito com as mãos em R, palmas para baixo, dedos se afastam, movendo as mãos para o lado formando um leve arco.

Em relação às setas, elas podem ser consideradas parcialmente icônicas e parcialmente simbólicas, visto que há algumas convenções para diferenciar, dentre outras coisas, a direção do movimento e se o movimento é feito com a mão direita ou esquerda, como ilustra a tabela abaixo.

Símbolo	Nome	Exemplo	Descrição
↑↑	Seta plano parede		Representado por duas linhas na sua haste , a seta indica plano paralelo à parede, como no sinal TELEVISÃO, que é feito com as mãos em L, palmas para frente, realizando um movimento alternado para cima e para baixo. As setas apontando para cima e para baixo representam esse movimento alternado. As setas pretas indicam que é mão direita

			e as setas brancas indicam que é a mão esquerda.
↑	Seta plano chão		Representado por uma linha na sua haste , a seta indica plano paralelo ao chão, como no sinal TRABALHAR, que é feito com as mãos em L, palmas para baixo, realizando um movimento alternado para frente e para trás. As setas apontando para cima e para baixo representam esse movimento alternado. As setas pretas indicam que é mão direita e as setas brancas indicam que é a mão esquerda.
⚡	Seta plano diagonal		Representado por duas linhas e uma barra na sua haste , a seta indica plano diagonal, como no sinal FUTURO, que é feito com as mãos em F, palma para a esquerda, realizando um movimento diagonal (para frente e para cima).

Como dito anteriormente, quando comparamos as diferentes formas de escrita de sinais para a libras, percebemos que a SW normalmente é mais icônica que as outras. A tabela abaixo mostra uma comparação do sinal CASA escrito em ELiS, SW, SEL e VisuoGrafia.

Sinal	ELiS	SW	SEL	VisuoGrafia
				

Nessa tabela podemos observar os diferentes tipos de escrita, e, neste caso, dois dos quatro modelos (SW e VG) apresentam uma iconicidade em sua grafia maior do que os outros, isto é, mesmo sem saber completamente o sinal, podemos identificar elementos dos parâmetros da língua de sinais que manifestam alguma relação de semelhança com a forma como o sinal é pronunciado em libras. Ainda



assim, é possível observar que o SW é mais icônico que a VG, como pode ser visto nas imagens abaixo.

Sinal	SignWriting	VisuoGrafia
APRENDER		
VERDADE		
FELIZ		

Como sugerido na introdução deste trabalho, além das características icônicas do sistema de escrita, qualquer um desses sistemas teria pouco alcance se não fosse a infraestrutura criada em torno dela para sustentar as práticas que podem ser desenvolvidas por meio dessa escrita. Uma das ferramentas tecnológicas disponíveis para o uso do sistema SW é o site *SignPuddle*.⁵ Esse site possui diferentes funcionalidades que potencializam o uso da escrita de sinais por aqueles que podem vir a se interessar por esse sistema. O SignPuddle Online é, portanto, um site que apresenta dicionários de língua de sinais de vários países escritos em SW, permitindo realizar pesquisas de diversas formas: 1) palavras; 2) sinais; 3) símbolo; 4) grupo de símbolos; 5) frequência de um símbolo; 6) tradutor. A seguir, faço uma breve apresentação dessas formas de pesquisa possíveis no site.

Pesquisa por palavras no SignPuddle

⁵ O site do SignPuddle Brasil pode ser acessado a partir do seguinte link: <https://www.signbank.org/signpuddle2.0/index.php?ui=12&sgn=46>



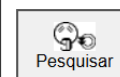
A pesquisa por palavras usa da língua portuguesa para realizar o foco da busca. Escrevendo uma palavra no campo 'termos e títulos', podemos encontrar algumas palavras da língua portuguesa que foram traduzidas para o SW, permitindo que encontremos não somente aquele termo, mas também outras possíveis expressões relacionadas. As imagens a seguir apresentam um exemplo desse tipo de busca.

Buscando a palavra “casa” e selecionando “Palavra exata” encontramos apenas um link que leva para uma lista de sinais associados a palavra presente na caixa de busca.

Imagem 1 - palavra exata

Pesquisar a linguagem falada com Resultados do Palavras
All searches are case sensitive

Termos e Títulos	casa
	☐ Qualquer parte da palavra ☐ Início da palavra ☒ Palavra exata
Texto	
Fonte	
Puddle página	
Ver todas as entradas	



[casa](#)

[Print Search Above to PDF](#)

Fonte: [SignPuddle](#)

Esse tipo de busca auxilia para aqueles que pesquisam uma resposta rápida, seja para comparar os diferentes sinais existentes e suas variações. Se selecionarmos “Início da palavra” obtemos um banco de dados com todos os termos que apresentam “casa” como parte inicial:



Imagem 2 - início da palavra

Pesquisar a linguagem falada com Resultados do Palavras

All searches are case sensitive

Termos e Títulos	casa	☐ Qualquer parte da palavra ☒ Início da palavra ☐ Palavra exata	
Texto			
Fonte			
Puddle página			
Ver todas as entradas			

casa	casa cl-1	casa pequena	casa-variação	casal anda mar
casa	casa cl-2	casa reunião	casa-venda-papel	casamento
casa 3 atv sw	casa cultura	casa til	casa/baixo	casar
casa alofone	casa de bonecas	casa tonta	casa^estudar	casar
casa antig@	casa dela	casa++	casa^estudo	casar (boneco)
casa barão	casa do maranhão	casa-cair	casaaals	casar, casado (a),
casa bonecas	casa espirita	casa-criança-adota	casaco	casar-boneco
casa bonita	casa ir pessoas 3	casa-espirita	casad@	casarão
casa caiu	casa lotérica	casa-espiritismo	casado	casarão_to
casa cecy	casa lucia	casa-grupo-velho	casado-muito	casas
casa civil	casa movimento(terramoto, sexo...)	casa-ir	casal	casas desmoronar

Fonte: [SignPuddle](#)

Com essa busca podemos ver que aparecem expressões compostas como *casa caiu*, assim como palavras individuais, como *casal* e *casaco*, que não são semanticamente relacionadas a *casa*. Esse tipo de pesquisa pode auxiliar as pessoas que precisam saber se existe alguma forma criada a partir da modificação

morfológica de algum sinal base (como em *casa caiu* , que é uma forma modificada do sinal CASA ); ou até mesmo para pesquisar por sinais de palavras quando não se recorda completamente da soletração, sabendo somente o início dela. Ao buscar por “Qualquer parte da palavra”, o usuário obtém mais do que o termo específico buscado, como se observa na imagem abaixo.



Imagem 3 - qualquer parte da palavra



SignPuddle Online v2.0

Pesquisar por palavras



Dicionário Brasil

Pesquisar a linguagem falada com Resultados do Palavras

All searches are case sensitive

Termos e Títulos	casa
	☒ Qualquer parte da palavra ☐ Início da palavra ☐ Palavra exata
Texto	
Fonte	
Puddle página	
Ver todas as entradas	

Pesquisar

Mulher casada com o pai, sem ser a mãe. Variação usada pela comunidade surda maranhense *Você é casado?*	casa cl-1
Acasalar	casa cl-2
Ali-casa-avó	casa cultura
Avó-casa1	casa de bonecas
cair-casa	casa dela
cama casal	casa do maranhão
cama de casal	casa do regis
casa	casa espirita
casa	casa ir pessoas 3
casa	casa lotérica
casa 3 atv sw	casa lucia
casa alofone	casa movimento(terramoto, sexo...)
casa antig@	casa pequena
casa barão	casa reunião
casa bonecas	casa til
casa bonita	casa tonta
casa caiu	casa++
casa cecy	casa-cair
casa civil	casa-criança-adota

Fonte: [SignPuddle](#)

A lista de termos que aparece é extensa já que pode ser um trecho de um livro que existe no banco de dados do site, ou palavras que contêm “casa” em sua formação, como a palavra *acasalar*. Essa busca talvez seja mais adequada para usuários de libras como primeira língua, acessando a libras por meio do português escrito, que não é o caso desejado no presente trabalho, em que discutimos a aprendizagem de libras como língua adicional. É importante ressaltar que se trata de um banco de dados alimentado livremente e que não tem parâmetros para criar as entradas, de modo que ele acaba produzindo listas muito extensas, podendo incorrer em alguns erros.

Pesquisa por sinais no SignPuddle

A pesquisa por sinais tem uma dinâmica parecida, porém em vez de aparecerem palavras em português, aparecem sinais em libras, possibilitando a

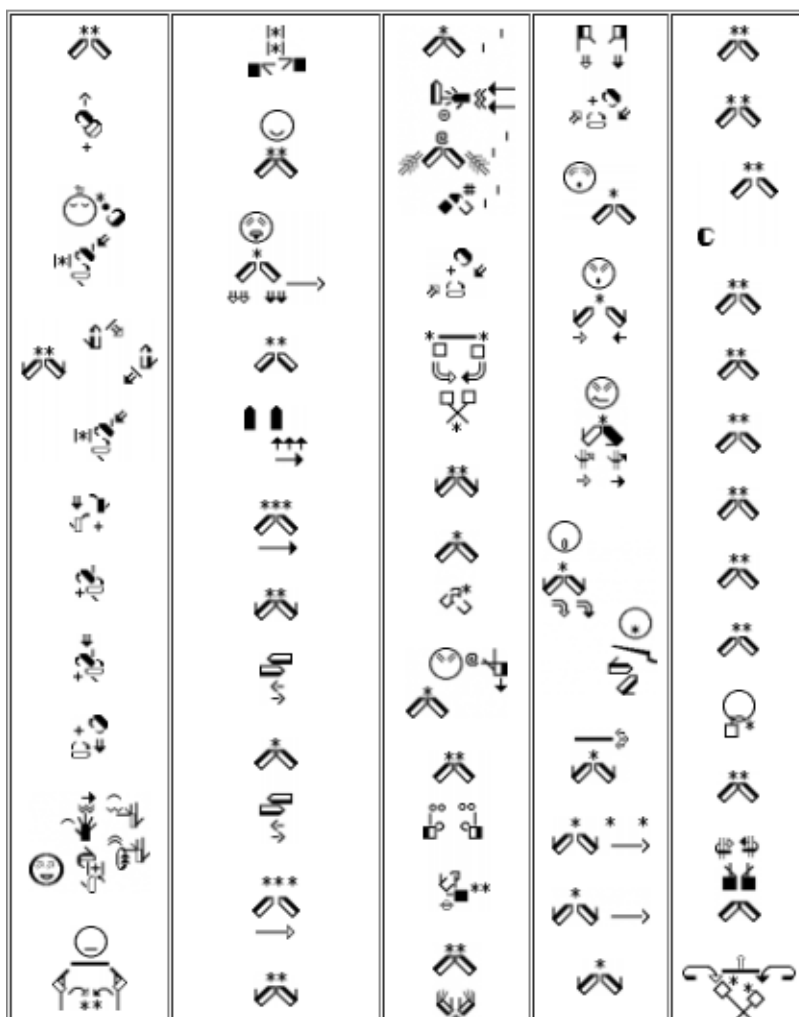
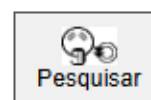
visualização da grafia de sua sinalização de forma mais rápida. Um dos benefícios é o acesso a diferentes variantes de um mesmo sinal, que pode vir a ser um tema de aula sobre diferentes pronúncias dos sinais.

Imagem 4 - pesquisa por sinais

Pesquisar a linguagem falada com resultados Sinal

All searches are case sensitive

Termos e Títulos	casa
Texto	
Fonte	
Puddle página	
Ver todas as entradas	

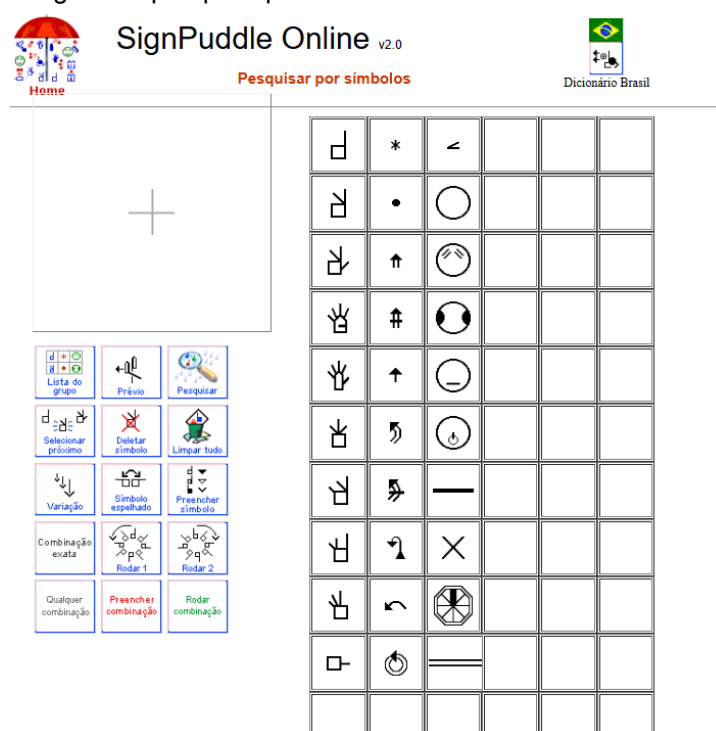


Fonte: [SignPuddle](#)

Pesquisa por símbolos no SignPuddle

A pesquisa por símbolos demanda uma “montagem” do sinal desejado, podendo realizar uma “pesquisa reversa”, ou seja, um tipo de pesquisa em que se usa o termo em libras para descobrir o termo em língua portuguesa. Um dos benefícios dessa busca é poder pesquisar o sinal na própria libras beneficiando os usuários nativos dessa língua.

Imagem 5 - pesquisa por símbolos



Fonte: [SignPuddle](http://SignPuddle.com)

Pesquisa por grupos no SignPuddle

Fazendo a pesquisa por grupo de símbolos podemos encontrar sinais que têm alguns parâmetros idênticos, possibilitando comparações de sinais semelhantes. Nessa busca o internauta escolhe os grupos que fazem parte do sinal procurado, fazendo uma “eliminação”, a fim de encontrar no banco de dados a grafia desejada, sem que se precise criar o sinal como descrito no item anterior.



Imagem 6 - pesquisa por grupos

Número de Sinais em SymbolGroups

 (11202)	 (28023)	 (9208)
 (9029)	 (10321)	 (13605)
 (4276)	 (13228)	 (14853)
 (3849)	 (534)	 (2606)
 (30214)	 (16189)	 (12199)
 (6448)	 (6046)	 (2380)
 (259)	 (363)	 (7782)
 (1012)	 (2275)	 (5169)
 (11875)	 (4459)	 (171)
 (12389)	 (4558)	 (3)

Fonte: [SignPuddle](http://SignPuddle.com)

Pesquisa por símbolo de frequência no SignPuddle

Apesar da pesquisa por símbolo de frequência ser parecida com a anterior, ela apresenta a diferença que a busca é dividida em grupos maiores e faz um afunilamento de acordo com a categoria anteriormente escolhida. Esse modelo de pesquisa se torna eficiente quando precisa saber sinais com um mesmo parâmetro ou quando se lembra apenas de um fragmento do sinal.

Imagem 7 - pesquisa por símbolo de frequência

1) Selecionar categoria



2) Selecione um SymbolGroup

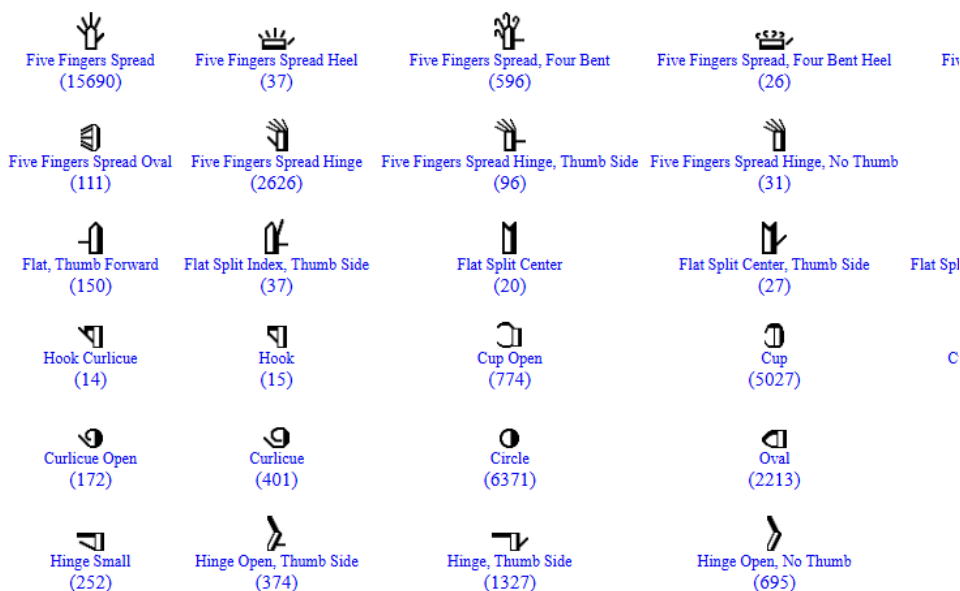


Fonte: [SignPuddle](http://SignPuddle.com)



Imagem 8 - pesquisa por símbolo de frequência, mais símbolos

3) Selecione um BaseSymbol



Fonte: [SignPuddle](http://SignPuddle.com)

Tradutor no SignPuddle

O tradutor do *site* funciona semelhante a outros tradutores de texto automáticos (e.g., Google Tradutor), isso é, ao digitar as palavras na caixa e clicar em *traduzir*, aparece, em SW, uma alternativa de tradução, com o detalhe extra de poder escolher a grafia dentre as possibilidades apresentadas. Por se tratar de um banco de dados que analisa as palavras uma a uma, ignorando o contexto como um todo, essa ferramenta deve ser usada com cautela; no exemplo abaixo, vemos que a frase teve todos seus elementos traduzidos sem levar em consideração que na Libras não se usaria o artigo “a”. Em outras palavras, a tradução é feita partindo da lógica de equivalência entre sinal e palavra, sem levar em consideração a estrutura sintática das línguas envolvidas. De qualquer maneira, essa ferramenta é muito útil para a busca de sinais que podem ser usadas em aulas de libras, visto que esse site constitui um dos maiores banco de dados com registro na própria libras, se comparado a dicionários impressos, com o de Capovilla, Raphael e Maurício (2009), que não apresentam muitos dos sinais encontrados no SignPuddle.

Imagem 9 - tradutor

Traduzir texto

All searches are case sensitive

A CASA É MINHA

Traduzir

A

												
---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---

CASA

												
---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---

É

				
---	---	---	---	---

Fonte: [SignPuddle](http://SignPuddle.com)

A corporeidade das interações presenciais: recursos para além da escrita

A discussão que temos feito até este momento tem sido conduzida no sentido de argumentar a favor que a legibilidade da escrita de sinais SW, comparada a de outros sistemas de escrita de sinais, aliada a uma infraestrutura tecnológica que permite o rápido acesso ao registro escrito são os diferenciais para a incorporação desse sistema nas aulas de libras. É necessário, contudo, ter em mente que aprender apenas os sinais manuais não garante que alguém se torne fluente em



libras, visto que há outros recursos não manuais que compõem a gramática dessa língua de modalidade gesto visual, como as expressões faciais, a direção do olhar, as posturas do torso, dentre outros. Silva (2014), baseado no trabalho de Clark (1996), argumenta que o uso da língua envolve três estratégias de elaboração dos discursos, a saber, a descrição, a indicação e a demonstração. A *descrição* é entendida como o uso de símbolos, de sinais convencionais. A escrita de sinais captura, por excelência, essa estratégia de criação dos discursos. A *indicação* é entendida como o uso de índices, que, nas línguas de sinais, se manifestam como apontamentos realizados com diferentes partes do corpo. A *demonstração* é o uso de ícones, que possibilita o desenvolvimento de formas de imaginação situadas. Por meio de demonstrações, os sinalizadores podem imaginar a aparência das coisas que estão narrando e isso é fundamental para os processos de referenciação nas línguas de sinais.

Para dar conta do ensino dessas estratégias de uso da língua, argumentamos que outros recursos, para além da escrita de sinais, precisam ser mobilizados. A internet hoje se configura como um excelente banco de dados aberto com diferentes gêneros textuais/discursivos em libras disponíveis para consulta gratuitamente. Em um site como o *YouTube*, por exemplo, um usuário pode encontrar canais criados por pessoas surdas que publicam vídeos em situações o mais próximo das naturalísticas, o que permite verificar como a língua é de fato usada e com que pronúncia. Além disso, há canais especificamente dedicados à disponibilização de materiais didáticos em libras, que podem ser usados em disciplinas de libras, como é o caso da TV INES, que publica conteúdos didáticos para o ensino/aprendizagem da língua. De fato, com a notória carência de materiais didáticos que possam fortalecer o ensino/aprendizagem da libras, parece correto afirmar que os recursos audiovisuais disponibilizados na internet constituem fonte importante de busca por parte de professores de libras como língua adicional. Nesse cenário, os vídeos publicados em canais do YouTube constituem parte integrante dos recursos de que lançam mão os professores de libras. Ao docente, contudo, cabe organizar os vídeos por categorias temáticas, a fim de que esses vídeos possam ser apresentados por graus de dificuldade, levando em consideração aquilo que os aprendizes já sabem ou não sobre a língua.



A disponibilização dos materiais aos estudantes, por si só, não garante o aprendizado da libras. É preciso lançar mão de estratégias para fazer com que os recursos didáticos ganhem significado e possam servir com base para a produção linguística dos estudantes. Nas análises apresentadas mais adiante, apresentaremos quais foram os recursos didáticos usados nas aulas observadas e como eles foram mobilizados ao longo do semestre, a fim criar o contexto de inteligibilidade necessário para que a libras fosse sendo gradualmente aprendida, encontro a encontro. Esse será o foco da discussão, depois da apresentação dos aspectos metodológicos deste trabalho.

3 METODOLOGIA

O método escolhido para esta pesquisa foi a observação participante. Trata-se de um trabalho qualitativo em que eu, na condição de pesquisadora, tinha como objetivo observar duas turmas de introdução à libras, ao longo de um semestre letivo, realizando anotações ao longo das aulas. O propósito dessas observações era analisar o impacto dos materiais utilizados na interação que se dava em sala de aula e no processo de aprendizagem da língua como um todo. Esse método já havia sido usado por Leite em sua pesquisa de iniciação científica, cujos resultados foram apresentados em um artigo escrito em parceria com o seu orientador (Leite e McCleary, 2009). De acordo com Rees e Melo (2012), o diário pessoal é um tipo de registro em que o pesquisador anota suas impressões do processo que se desenvolve enquanto ele observa e de seus sentimentos em relação ao seu envolvimento (ou não-envolvimento) nas ações que ocorrem no campo de pesquisa (p.44). Por meio desses diários, ele pode refletir sobre aquilo que é pesquisado, sobre o seu próprio processo de aprendizagem, bem como as dificuldades, os anseios, as metas a alcançar, dentre outros.

Uma das dificuldades envolvidas nesse método é justamente a potencial influência que a presença do pesquisador em sala de aula pode trazer para os dados, visto que os alunos e o professor podem ter se sentido incomodados com a vigia de uma pessoa 'de fora', trazendo comportamentos diferentes daqueles que estão acostumados. Outra dificuldade é justamente o curto espaço de tempo para me apropriar do método etnográfico durante esta pesquisa. Essa apropriação desse



método exige um tempo maior do que aquele que dispunha nesta pesquisa. Em todo caso, entendo que esses dados são válidos, visto que se trata de uma observação inicial, que poderá ser aprofundada em pesquisas futuras.

Desse modo, as análises que fazemos na próxima seção vão se concentrar em uma descrição inspirada no método etnográfico, com o intuito de descrever a significação que emergiu da interação entre docente, discentes, pesquisadora, os materiais utilizados em sala de aula, dentre outros. Da perspectiva aqui assumida, não estou considerando que os materiais utilizados tinham significado prévio à sua utilização. Pelo contrário: eles ganhavam significado à medida que a interação em sala de aula se desenvolvia. Os materiais usados em sala de aula foram: uma seleção de vídeos disponibilizados na sala virtual, os eslaides, os textos, as folhas de atividade e as folhas contendo alguns sinais básicos para auxiliar na memorização do vocabulário, os diálogos, o próprio corpo do professor e dos alunos, SW, dentre outros. Esses aspectos serão discutidos mais adiante nas análises.

4 ANÁLISE

Nesta seção, apresentamos uma análise das estratégias e dos recursos didáticos utilizados em uma turma de introdução à libras ofertada como disciplina obrigatória para cursos de licenciatura. Nessa análise, procuramos chamar a atenção para o modo como essas estratégias e recursos foram fundamentais para a emergência dos significados na interação entre professor e alunos e entre alunos entre si em sala de aula, de modo a, com base nesse processo, criar as bases para a aquisição da libras como língua adicional. Como dito no início deste trabalho, comparamos duas turmas distintas: uma em que a escrita de sinais foi usada como estratégia de ensino e como recurso didático e outra em que esse recurso não foi utilizado. A intenção era observar se a presença ou ausência desse recurso podia ser percebida de alguma forma na interação em sala de aula ou no resultado final do processo de aquisição do nível básico na disciplina.

Sendo uma disciplina introdutória à libras, oferecida por um professor ouvinte, ela foi organizada de modo a contemplar tanto os aspectos teóricos fundamentais sobre a libras e sobre cultura surda quanto desenvolver as práticas de libras no nível básico. O entendimento é o de que esses estudantes, futuros professores, precisam



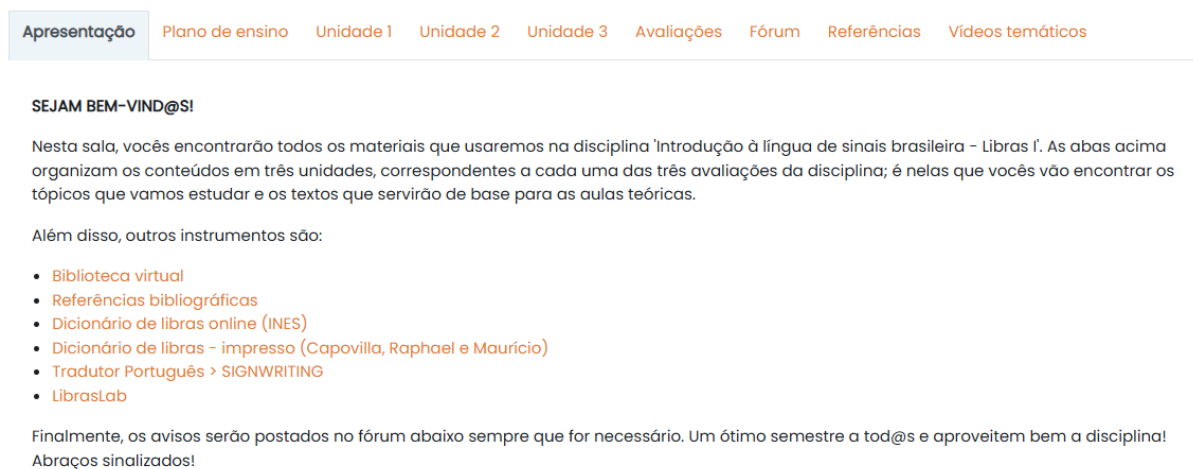
ter uma compreensão global da língua, da cultura, das vivências das pessoas surdas, bem como um conhecimento básico que lhes permitam desenvolver a fluência posteriormente. Desse modo, a disciplina foi organizada da seguinte maneira:

1. Aulas de 1 a 5 - Aulas divididas em dois períodos: primeira parte discussão teórica sobre a libras e as pessoas surdas; segunda parte, aula prática de libras para interação em sala de aula em libras. A quinta aula foi destinada a uma avaliação teórico-prática, baseada no livro “Libras: que língua é essa?”, de Audrei Gesser. Mais detalhes sobre o conteúdo específico dessas aulas será apresentado mais adiante;
2. Aulas de 6 a 10 - Aulas destinadas à prática de conversação e contação de histórias em libras. A partir da sexta aula, apesar de haver ainda o ensino de libras nas diferentes habilidades (compreensão e produção, além de leitura da escrita de sinais), a parte prática foi destinada ao desenvolvimento da habilidade de contar pequenas histórias em libras. As estratégias utilizadas para levar os estudantes ao entendimento de como se conta histórias em línguas de sinais serão descritas mais adiante. A décima aula foi destinada à gravação de um vídeo em que os estudantes contam (ou recontam) uma pequena narrativa (pessoal ou não) em libras, utilizando os recursos que a língua dispõe para tal.
3. Aulas de 11 a 15 - A terceira e última parte da disciplina foi destinada à preparação para apresentar um seminário em libras. Essa avaliação é desenvolvida por todos os docentes - ouvintes ou surdos - que ministram a disciplina de libras nessa universidade. A ideia é que os alunos ministrem uma aula em libras, para que os docentes possam ver como eles se preparam para esse tipo de tarefa e quais são os recursos que eles utilizam, podendo dar feedback sobre a língua de sinais deles e sobre os recursos que utilizam para deixar a aula mais adequada para o público surdo. Essas aulas aconteceram na sala de informática e, na última aula, os estudantes apresentaram o seminário em libras. Mais detalhes serão apresentados mais adiante.



Esse cronograma foi apresentado aos estudantes no Moodle, juntamente com materiais que serviriam de apoio para o estudo: entre eles materiais escritos e vídeos temáticos em libras. A imagem a seguir mostra a tela inicial do Moodle, com alguns dos materiais aos quais os estudantes tiveram acesso e as abas que eles poderiam acessar a partir do site.

Imagem 10 - Moodle



Fonte: [Moodle](#) (2024)

As descrições e análises apresentadas mais adiante chamam a atenção para a relevância da interação entre todos os elementos que participam desse evento que reconhecemos como uma disciplina de libras em um semestre letivo. É da interação entre os elementos variados que participam do processo - os estudantes, com seus corpos e seu histórico prévio de interações, o docente, seu corpo e seu histórico de interações, a preparação prévia do conteúdo, recursos empregados e os materiais disponibilizados, o horário em que a disciplina acontece, intercorrências que podem acontecer ao longo do processo, etc. - que um dado significado emerge para cada um dos participantes e vai sendo crucial para o modo como os estudantes se apropriam da língua. Como os elementos que participam do processo são variados e, em certa medida, imprevisíveis, este trabalho busca selecionar alguns deles para verificar como essas estratégias e recursos didáticos selecionados podem ter contribuído com o processo. Para tanto, a nossa escolha é a de fazer a descrição das atividades cruciais observadas em sala de aula durante o processo. A essa descrição dedicamos as próximas seções deste trabalho. Ao final, fazemos uma discussão geral sobre as descrições que, de agora em diante, passo a apresentar.



Discussão teórica em português: dando a conhecer a libras e a cultura surda

A primeira atividade desenvolvida na disciplina foi uma discussão teórica sobre aspectos da libras e da cultura surda. Para tanto, o professor pediu aos estudantes da primeira turma que organizassem as cadeiras em formato U, para facilitar a interação entre eles. Foi nesse formato que os alunos se colocaram durante a discussão teórica dos tópicos da disciplina. Quando os estudantes da segunda turma chegaram, alguns deles demonstraram surpresa pela disposição das cadeiras, em semicírculo.

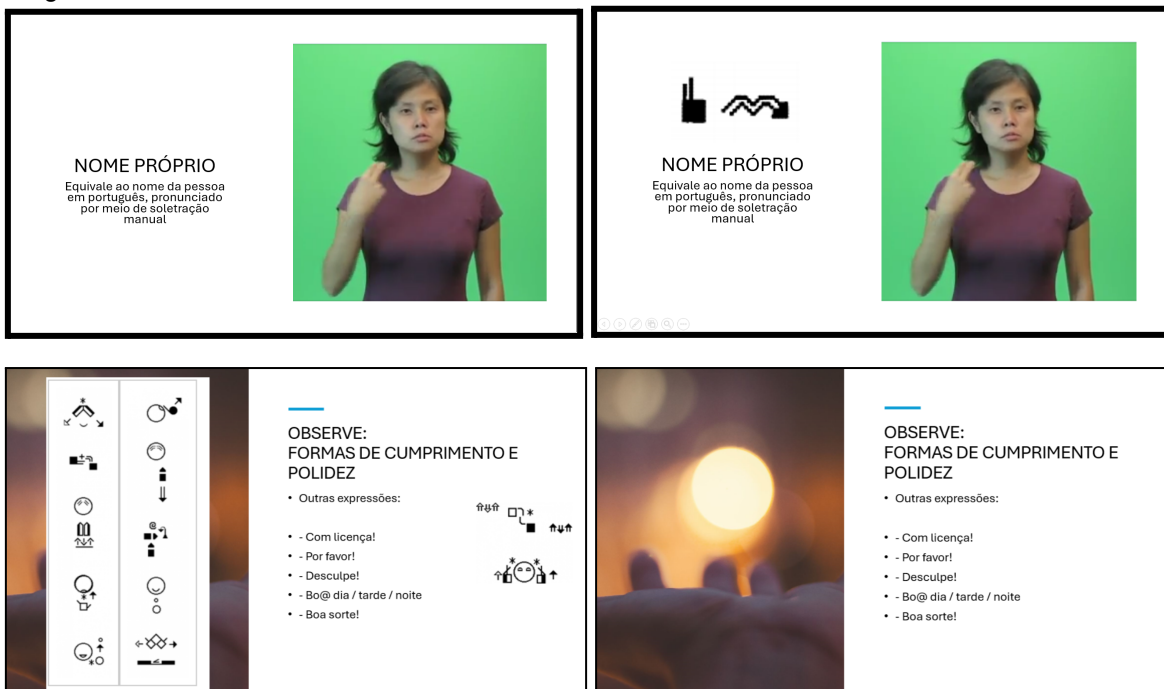
Nas aulas foram usados os textos presentes na ementa da disciplina, assim como alguns extras. São eles: LIBRAS? Que língua é essa? por Audrei Gesser; A fonética e a fonologia das línguas de sinais por André Nogueira Xavier e Amanda Regina Silva; Descrição de aspectos da morfologia da Libras por André Nogueira Xavier e Sylvia Lia Grespan Neves; A segmentação da língua de sinais brasileira (libras): um estudo linguístico descritivo a partir da conversação espontânea entre surdos por Tarcísio de Arantes Leite; A estrutura dos discursos sinalizados. Uma descrição do processo de referenciação em narrativas contadas em libras por Thais Bolgueroni. Todos esses textos têm como objetivo apoiar a disciplina, servindo de base para as aulas.

Esses recursos foram usados para que os alunos, que leram, tivessem um conhecimento prévio para certas discussões, trazendo indagações e curiosidades descobertas ao longo da leitura. E ao acompanhar as aulas pude ver que alguns alunos traziam pontos que achavam interessantes, que acabavam levantando conversas em sala de aula. Um exemplo que presenciei foi um discente que trouxe um ponto de debate que pensou ao ler um dos textos, “Como surdo é uma identidade, o ouvinte pode se identificar como surdo?”, neste momento abre uma conversa entre aluno e professor, o que era para ser somente uma resposta rápida faz com que outros alunos tragam suas perspectivas.

Slides com e sem escrita de sinais

O único recurso didático usado na disciplina de forma diferente em cada uma das duas turmas observadas foi o uso da escrita de sinais nos slides de uma turma e o não uso na outra. Visto que as aulas aconteciam na sequência, no mesmo dia, o docente optou por não usar na primeira turma (turma F), que acontecia das 19h-20h40, e usar a escrita de sinais na segunda turma, que acontecia das 21h-22h40 (turma G). A justificativa para isso foi o fato de que ele próprio, docente, poderia ser influenciado pelo que acontecia na primeira turma e acabar usando, de alguma maneira, a escrita de sinais na segunda turma, caso usasse na primeira turma. As figuras a seguir ilustram, lado a lado, o mesmo slide, com o acréscimo da escrita de sinais para ser usada na turma G.

Imagem 11 - slides



Fonte: Criação própria

Esses slides começaram a ser usados logo na primeira aula. Depois do momento inicial, em que fazia uma discussão em português falado sobre algum tópico teórico, o docente passava a ministrar a segunda parte da aula inteiramente em libras. Note-se que os slides contém texto em português escrito. Como se tratava de uma turma inicial, o texto escrito servia como suporte para que a sinalização em libras fosse mais compreensível para os estudantes iniciantes. Na turma F, a estratégia usada era a de, no momento em que apresentava algum sinal novo, como o sinal NOME, apresentando acima, torná-lo contexto tanto para a explicação de aspectos da



libras *na própria língua* (como a diferença entre o sinal NOME com a orientação da palma para frente ou para o corpo, para significar ‘o seu nome’ ou ‘o meu nome’, respectivamente) quando para fazer perguntas em libras que permitissem aos estudantes começar a sinalizar. Depois de sinalizar NOME com a palma para o corpo e digitalizar, na sequência, o próprio nome, o docente sinaliza NOME com a palma apontando para algum estudante, solicitando que ele digitalize o seu próprio nome em libras. Essa interação foi repetida com cada um dos estudantes, sentados em semicírculo.

Um aspecto importante desse tipo de prática é o de que para ministrar a disciplina inteiramente em libras desde o primeiro momento, o docente precisa organizar os conteúdos de modo a prever uma sequência didática que possibilite ao estudante participar de uma interação. No caso da atividade descrita acima, ela foi sucedida por um momento em que o docente já havia apresentado e praticado com os estudantes o alfabeto manual, de modo que eles pudessem lançar mão do conhecimento adquirido para realizar a atividade proposta.

Outro aspecto importante é que os slides eram organizados com trechos de vídeos coletados na internet com pessoas surdas sinalizando em libras. Esse aspecto é importante porque possibilita aos estudantes conhecer pessoas surdas influentes na comunidade e permite que eles tenham contato com a sinalização de diferentes pessoas surdas. Cabe destacar que, dada a carência de materiais publicados para o ensino de libras, os materiais disponíveis na internet podem se tornar a principal fonte de consulta e uso por professores nas aulas de libras para desenvolver habilidades de compreensão em libras. Os vídeos usados pelo professor continham contextos importantes para a temática da aula, por exemplo, em uma aula que a temática se tratava de datas, como dias da semana e meses, o vídeo utilizado continha informações sobre um evento. Segue o exemplo apresentado em sala que pode ser traduzido como “do dia 12 até o dia 15 de abril de 2012”.

Imagem 12 - vídeo



Fonte: Youtube, [Feneis-SP São Paulo](#) (2024)

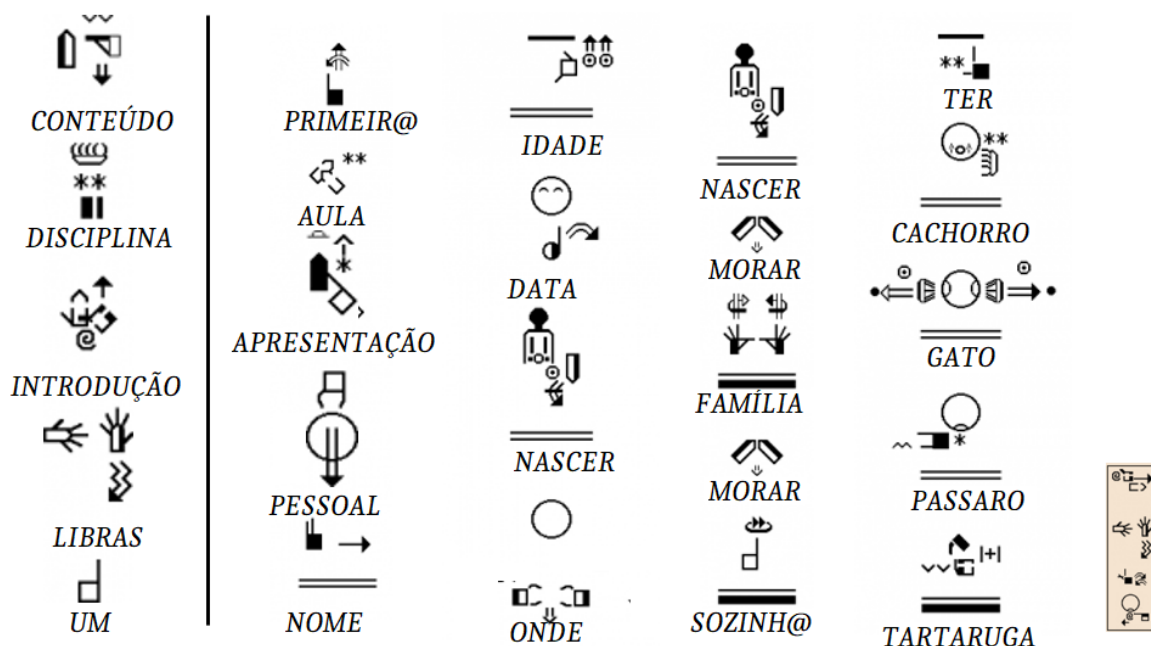
Estes vídeos possibilitaram que o docente levantasse perguntas para colocar em prática o conteúdo estudado no dia; por exemplo, nesta aula o docente, após passar o vídeo inteiro (que continha mais informações sobre um evento específico), ele pergunta “Qual dia o evento ocorrerá?” e alguns dos alunos responderam de acordo (o pequeno diálogo ocorreu em libras).

Revisão de conteúdo: rememoração dos sinais a partir da escrita de sinais

Paralelamente às quatro primeiras aulas destinadas à discussão teórica sobre libras e cultura surda, os estudantes foram tendo aulas básicas de libras, como foi dito acima. Essas aulas foram pensadas com o objetivo de propiciar tanto a aprendizagem do vocabulário básico, quanto de alguns aspectos da gramática da libras e da interação nessa língua. Uma das questões que levantamos no começo do trabalho foi justamente sobre como memorizar o vocabulário sem o auxílio de uma ferramenta de escrita. Nesse sentido, a estratégia usada pelo professor foi a de usar duas ferramentas de escrita distintas: uma em que uma lista de palavras era oferecida em português, com figuras ilustrativas acompanhando a lista (turma F) e uma segunda em que os sinais eram apresentados em escrita de sinais (turma G). As atividades não pareceram ter uma diferença significativa entre si, exceto pelo fato de que, na turma que os sinais foram apresentados em escrita de sinais, além de se voltarem a atenção para como o sinal era pronunciado, os estudantes precisavam prestar atenção em como eles eram escritos. A hipótese é a de que, a longo prazo, essa atenção aos detalhes escritos dos sinais pode fazer diferença no processo de

aquisição. Como só acompanhamos a aquisição durante o semestre inicial, essa hipótese não pode ser confirmada. A imagem a seguir apresenta um recorte do material preparado para a revisão dos conteúdos em libras: trata-se de um material em que apresenta perguntas principais sobre apresentação pessoal, como “qual é o seu nome?”, “qual é a sua idade?”, “qual é a sua data de nascimento?”, “onde você mora?”, “mora com sua família ou sozinho(a)?”, “tem animal de estimação?”.

Imagem 13 - revisão



Fonte: Criação própria

As folhas foram disponibilizadas para os discentes como forma de apoio para o aprendizado da língua. Elas continham sinais básicos aprendidos em sala de aula, também com atividades disponibilizadas para os alunos estudarem fora da sala de aula. Seguem os exemplos:



Imagem 14 - folhas

CONTEÚDOS PROGRAMÁTICOS

TÓPICO 1	
Cultura surda	Ingressando no universo cultural da surdez e da LIBRAS - Introdução à LIBRAS
Situação comunicativa	Apresentação pessoal - Perguntar e informar nome e informações pessoais
Vocabulário	Encontrando outros e falando de si mesmo (formas de cumprimento, soletração manual, nome e profissões básicas)
Gramática	Expressões faciais: afetivas e gramaticais
Comunicação visual	As expressões faciais

TÓPICO 2	
Situação comunicativa	Apresentando outras pessoas - Falando de um amigo e dando informações sobre ele
Vocabulário	Falando de data de nascimento (números, meses do ano; idade)
Gramática	Pronomes pessoais
Comunicação visual	O uso do espaço de sinalização: espaço neutro
Cultura surda	As relações entre surdos e ouvintes - Perguntas diretas

Exemplos de possíveis contatos

Sinais com contato no ombro
Esse grafema representa o ombro.
Veja um exemplo do uso desse grafema:

Como você traduziria esse sinal? _____

Sinais com contato no peito
Há duas situações para escrever um sinal desse tipo:
(1) se o contato for no centro do peito, não precisa de um grafema específico para o ponto de articulação, somente para o contato. Veja o exemplo:

Como você traduziria esse sinal? _____

(2) se o contato for em um lado específico do peito, usamos o mesmo grafema do ombro para definir isso. Veja o exemplo:

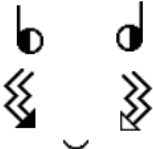
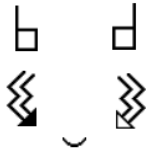
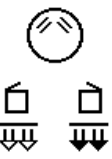
Como você traduziria esse sinal? _____

Fonte: Criação própria

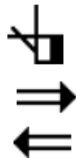
Estas folhas possibilitam que o aluno pratique fora do momento da aula, porém, ao ter dúvidas, há sempre um momento após a aula, ou até mesmo durante, que essas dúvidas são respondidas.

Um aspecto interessante da revisão dos sinais a partir da escrita aconteceu quando dois dos estudantes da turma G iniciaram a disciplina algumas aulas depois de as aulas já terem começado. Por essa razão, o professor decidiu enviar a eles a lista de sinais registrados em escrita de sinais, com a palavra associada ao sinal em português, para que os estudantes fizessem a gravação dos sinais em libras como atividade compensatória. A intenção era que os estudantes procurassem na internet, a partir da palavra em português, como o sinal era pronunciado e pudessem fazer a gravação. Parece não ter sido o que aconteceu: os estudantes parecem ter gravado os sinais lendo diretamente a escrita de sinais. O que se observou foram erros de pronúncia semelhantes aos que são observados quando estudantes de línguas orais como línguas adicionais tentam pronunciar a língua aprendida a partir da escrita. Abaixo, apresentamos alguns dos erros de pronúncia observados na atividade de um dos estudantes.

Palavra	SW	Sinal realizado pelo aluno

surdo		
deficiente		
pessoa		
ponto de vista		
apresentar		
precisar		
médico		
especial		



professor		
-----------	---	---

Diálogos

O diálogo fez parte de todas as aulas, e nestas não poderiam ser diferentes, porém, por se tratar de aulas de libras, o professor tomou a liberdade de ministrar aulas somente nessa língua, que era desconhecida pelos alunos, fazendo com que os alunos tivessem um contato direto com o idioma, sinalizando de forma vagarosa e realizando alguns apontamentos, por vezes até mesmo mexendo a boca como se estivesse sussurrando a palavra referente ao sinal. Contudo, quando os discentes não compreendiam algum sinal o docente utilizava do português oral para esclarecer. Alguns alunos apresentaram indagações ao longo das aulas, que foram respondidas, em sua maioria em português, como, por exemplo, nas primeiras aulas, antes de expor pontos acerca da comunidade surda, uma aluna pergunta “Como uma pessoa surda ingressa na universidade como docente, sendo que as provas exigem português escrito?”; mas há perguntas que precisam ser respondidas em libras, por se tratar de dúvidas de sinalização, que, em sua maioria, ocorre nos momentos de prática realizados em sala, por exemplo “ Qual o sinal de praia?”.

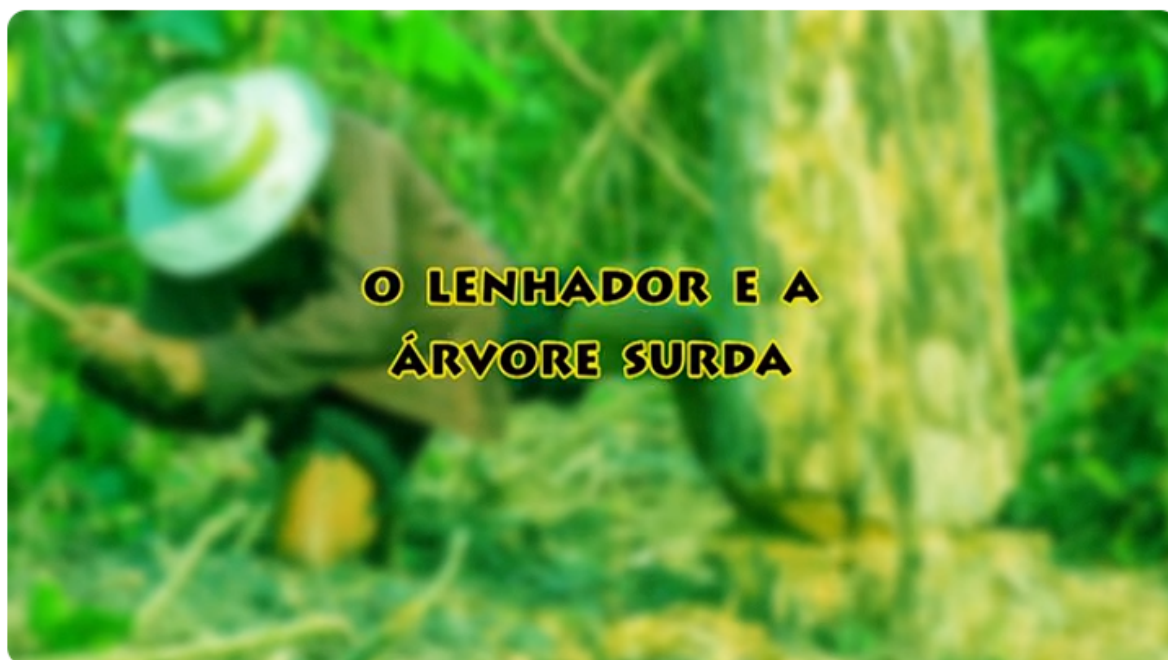
O uso do corpo vai além do corpo do docente em si, ele engloba o espaço utilizado, a forma como a sala precisa estar com as cadeiras posicionadas em formato de meia-lua para melhor visualização, o uso das expressões faciais e corporais, a gestualidade, dentre vários outros aspectos. Contudo o uso do corpo é um ponto importante no ensino de línguas visuais-gestuais, pois sem ter uma referência para que se possa observar e este mesmo corpo poder corrigir os erros, o aprendizado se torna dificultoso.⁶

Contação de história a partir de vídeo original

⁶ Por conta da natureza da observação em sala de aula e privacidade dos indivíduos não há registros fotográficos que possam elucidar visualmente este tópico.

Essa atividade consistiu em recontar uma narrativa em libras em nível básico. O docente primeiramente solicitou que os estudantes formassem dupla para a realizar a atividade, mas não disse do que se tratava. Depois que as duplas estavam formadas, o docente solicitou que um estudante de cada dupla saísse da sala. Ele explicou que os estudantes que ficassem em sala assistiram a um vídeo em libras e depois teriam que recontar a narrativa para aqueles estudantes que iriam sair da sala. Os estudantes saíram e o docente passou o vídeo apresentado na imagem a seguir, disponível no Youtube.

Imagem 15 - história a partir do vídeo



Piada em Libras - 01 - O Lenhador e a Árvore Surda



Letras-Libras UFRJ
25,3 mil inscritos

Inscrever-se

3,7 mil



Compartilhar

Fonte: Youtube, [Letras-Libras UFRJ](#) (2024)

Quando os estudantes que haviam saído da sala voltaram, os demais estudantes recontaram a história. Foi interessante observar que, apesar de serem estudantes do nível inicial, eles puderam não só compreender bem a história, como reusar os recursos empregados originalmente pelo sinalizador surdo para contar a história em libras. Pude notar, enquanto observava cada estudante contando a história à sua dupla, que o uso do espaço, a incorporação de personagens e a iconicidade dos sinais estavam sendo adequadamente utilizados pelos estudantes.



Era interessante perceber também como os estudantes pareciam se divertir durante a realização da atividade. Como se tratava de uma piada, tanto o estudante que contava quando o seu interlocutor terminaram a contação da história rindo. Essa era uma evidência de que a história havia sido compreendida adequadamente.

Nesta atividade, sem ter um conhecimento profundo de libras, os estudantes puderam reconhecer na contação de história em nível básico os elementos linguísticos e gestuais da narrativa original que podiam ser retomados para contação de suas próprias versões. Essa atividade foi fundamental para que os estudantes se apropriassem das bases necessárias para narrar uma história de nível básico do cotidiano deles em libras. Essa foi a segunda avaliação, que foi realizada de forma satisfatória por quase todos os estudantes de ambas as turmas. Os estudantes conseguiram: i) introduzir e retomar as personagens da história de forma satisfatória; ii) apresentar a progressão temporal dos eventos de forma compreensível; e iii) usar recursos característicos da libras, como uso do espaço para localizar referentes e incorporação de personagens de forma apropriada.

Nessa aula pude observar que alguns sinais usados pelos alunos eram acompanhados de uma articulação labial da palavra equivalente em português (o sinal ÁRVORE acompanhado da pronúncia labial de 'árvore'). Essa articulação labial facilitava a compreensão de sinais potencialmente desconhecidos pelos colegas. Além disso, os interlocutores interagiam com os colegas, em voz baixa, fazendo perguntas em português que pudessem guiar a compreensão da história ('isso que você está fazendo é uma árvore?'). Outros aspectos observados estão listados na tabela a seguir.

aula sem SW	aula com SW
Observei os alunos realizando os sinais apresentados no vídeo, porém alguns fora dos parâmetros da Libras, mesmo assim aqueles que estavam fora da sala conseguiram compreender.	Mesmo sem ter o SW o professor decidiu que esta turma faria o mesmo exercício.
Os alunos começaram a fazer	Optou por traduzir o vídeo para explicar a história.
	O docente percebeu que precisava



perguntas de sim ou não para ver se estavam compreendendo certo. Num segundo momento, quando o docente mostrou o vídeo novamente para a turma toda, observei alguns alunos repetindo os sinais juntamente com o narrador.	intervir em uma dupla que teve dificuldades. Alguns alunos, após a atividade terminar assistiram o vídeo novamente e repetiram os sinais apresentados juntamente com o narrador.
--	---

Seminário em libras: preparação e apresentação

As últimas cinco aulas do semestre, como dito anteriormente, foram destinadas à preparação para um seminário a ser apresentado em libras. As aulas aconteceram no laboratório de informática. Cada um dos grupos recebeu a sugestão de trabalhar com um vídeo da série *A vida em Libras*, disponibilizada no canal da *TV INES*, no Youtube. O objetivo da atividade era que os estudantes assistissem aos vídeos, produzidos em libras e legendados e dublados em português, para, a partir do suporte do português, reconhecer na sinalização o que eles compreendiam e o que não compreendiam. A partir desse primeiro contato com um texto inteiramente produzido em libras sobre um tema específico, os estudantes poderiam levantar as suas dúvidas para saná-las com os monitores da disciplina e com o próprio docente. Foi realmente isso que aconteceu nessas aulas. Apesar de apresentar alguma dificuldade em entender o vídeo em libras, os estudantes tinham o suporte necessário para tirar suas dúvidas.

Depois que o vídeo de inspiração foi compreendido, iniciou-se a segunda parte da atividade, que consistiu em se preparar para apresentar o seminário em libras. A partir desse momento, os estudantes passaram a solicitar com mais frequência ajuda sobre como dizer determinadas coisas em libras. Esse suporte era dado tanto pelo professor quanto pelos monitores da disciplina. O resultado foi que, ao final desse estudo, os estudantes estavam preparados para ministrar o seminário em libras.



Na apresentação do seminário tivemos um resultado satisfatório. Por mais que alguns sinais foram feitos com alguns parâmetros errados (por exemplo a confusão do ponto de articulação do sinal de ANIMAL, que é realizado na lateral do rosto, mas foi realizado no queixo), todas as apresentações puderam ser compreendidas. A tabela a seguir apresenta outros aspectos observados por mim durante os seminários.

aula sem SW	aula com SW
- Animais Aquáticos (feito por: B, JO, JU e N) JU: ANIMAIS confundindo a localização; N: O sinal DE NOVO feito com movimentação errada B: fazendo o discurso travado em um local só, sem o uso do espaço. -Aedes aegypti (A, R, T e Y) Y: COR feito sem a movimentação; R: COMEÇAR com a movimentação errada. -Matemática (D e M) D: AGORA feito com a movimentação errada; -Insetos (J, E, M e P) J: Sinal de PRETO feito com a configuração de mão errada;	-Sistema solar (A, T e J) T: confusão no sinal para IRMÃO e IGUAL; A: confusão de F e T. -Cinema e indústria cultural (L e A) L: INDÚSTRIA feito com orientação da palma errada. -O carbono (J) J: FAMÍLIA feito com a configuração de mão errada.



Discussão

Ao longo do semestre pude perceber que minha pesquisa, por mais detalhada que pudesse ser, ainda apresentariam críticas, portanto neste tópico apresentarei-as juntamente com discussões pertinentes. Este tópico não significa que minha pesquisa está sendo finalizada sem análises aprofundadas, mas levantando pontos que podem ser estudados em estudos futuros.

Observei que o SW foi ensinado de forma básica (apenas algumas configurações de mão e símbolos de toque) com o intuito de ser um instrumento de leitura, somente, os alunos não foram ensinados a escrever. Isso fez com que os mesmos ficassem dependentes de listas, eslaides ou folhas que possuíssem a escrita de sinais para que assim pudessem ter alguma forma de estudar.

Se o SW fosse ensinado com o intuito de ser escrito, os alunos poderiam fazer suas próprias anotações, podendo fazer com que os alunos não dependessem das imagens mostradas pelo professor, talvez assim pudesse ocorrer uma aquisição de língua de forma mais acelerada.

Pensando na sociedade atual, em que a maioria das pessoas possuem um celular com uma câmera que possibilita fazer chamadas em vídeo ou enviar vídeos com libras, surge o debate de qual seria a necessidade social de saber escrever e ler *SignWriting*? Nessa linha de pensamento, sim, talvez o SW seria obsoleto nesses casos, mas em contrapartida, se torna difícil a representação de uma sinalização em um trabalho escrito como este, ocupando grande parte do corpo do texto com vários frames de vídeos somente para representar um movimento de determinado sinal que seria facilmente representado com a escrita dele.

Um ponto que faz com que a hipótese de se o SW seja um facilitador para o ensino de libras se torna difícil é o de apoiar em diversos materiais e estratégias para garantir a compreensão dos estudantes ao longo das aulas. Portanto, este ponto poderia ser debatido em trabalhos futuros e talvez propor uma didática diferente.

Não posso deixar de destacar que uma discussão válida quando se trata do ensino, seja a falta de controle com acontecimentos alheios às aulas. Todos os indivíduos envolvidos em uma sala de aula estão transpassados de fatores externos à ela. Portanto ao tentar confirmar qual o impacto que o SW possa ter ao longo das



aulas pude notar que ele é apenas um dos fatores que constituem o ensino. Tudo que acontece dentro e fora da sala de aula impacta a forma como os estudantes adquirem uma língua.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Aqui encerro este trabalho que teve como objetivo analisar os materiais usados em sala de aula, com uma atenção ao *SignWriting*, enquanto recurso de apoio à aprendizagem. Ao longo dessa pesquisa, pude perceber que o SW ainda não possui consolidação como forma de escrita para a língua de sinais, contudo existem outros materiais didáticos que auxiliam no ensino da língua que estão presentes em todas as aulas.

Concluo, então, que, através das minhas observações feitas e experiências vividas com o aprendizado de libras, em uma sala de aula deve-se ter um conjunto de vários métodos didáticos que auxiliem no ensino desta língua, tendo em mente que cada indivíduo tem níveis e velocidade de aquisição diferentes.

Finalmente, espero que esta pesquisa possa inspirar outros pesquisadores que estão na mesma área de estudo, que os conhecimentos que demonstrei aqui continuem iluminando novas mentes para que ideias não permaneçam no amontoado de pensamentos.

REFERÊNCIAS

- BARROS, M. E. PRINCÍPIOS BÁSICOS DA ELiS. Revista Sinalizar, Goiânia, v. 1, n. 2, p. 204–210, 2016. DOI: 10.5216/rs.v1i2.38881. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/revsinal/article/view/38881>. Acesso em: 15 set. 2025.
- BENASSI, C. A. (2019). Visografia: uma nova proposta de escrita da língua de sinais. Traços De Linguagem - Revista De Estudos Linguísticos, 2(2). <https://doi.org/10.30681/2594.9063.2018v2n2id2842>. Acesso em: 15 set. 2025
- BLANC, Verônica de Jesus. *O ensino da Libras como L2 concomitante ao de sua escrita pelo sistema signwriting* : análise de uma unidade temática. Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2022. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/xmlui/handle/1884/76975>. Acesso em: 04 jul. 2024.



CAPOVILLA, F. C.; RAPHAEL, W. D. MAURICIO, A. C. Novo Deit-Libras. Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua Brasileira de Sinais . Vol I: sinais de A a H.. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2009.

CAPOVILLA, F. C.; RAPHAEL, W. D. MAURICIO, A. C. Novo Deit-Libras. Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua Brasileira de Sinais . Vol II: sinais de I a Z.. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2009.

CLARK, Hebert. *Using language*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.

LEITE, Tarcísio. MCCLEARY, Leland. Estudo em diário: fatores complicadores e facilitadores no processo de aprendizagem da língua de sinais brasileira por um adulto ouvinte. In: QUADROS, R. STUMPF, M. (org.) *Estudos Surdos IV*– Petrópolis, RJ : arara azul, 2009.

LESSA-DE-OLIVEIRA, A. S. C. Pesquisadora da Uesb desenvolve Sistema de Escrita para a Libras - UESB. Disponível em: <https://www.uesb.br/noticias/pesquisadora-da-uesb-desenvolve-sistema-de-escrita-para-a-libras/>. Acesso em: 15 set. 2025.

MCCLEARY, Leland. História oral: Questões de língua e tecnologia. In: Santhiago, R.; Magalhães, V.B. (Orgs.). (2011). *Memória e diálogo*: Escutas da Zona Leste, visões sobre a história oral. São Paulo: Letra e Voz. p. 93-123.

POYATOS, F. Language, paralanguage, kinesics: The basic triple structure of human communication. In: *NonVerbal communication across disciplines*: Culture, sensory interaction, speech, conversation (pp. 103-32). Philadelphia: John Benjamins, 2002.

REES, D. K.; de MELLO, H.A.B. A investigação etnográfica na sala de aula de segunda língua/língua estrangeira. *Cadernos do IL*, n. 42, p. 30–50, 2012. DOI: 10.22456/2236-6385.26003. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/cadernosdoi/article/view/26003>. Acesso em: 23 de out. de 2024

SILVA, R. R. da., LEMOS, L., & ALMEIDA, M. Ensino de libras para ouvintes: análise bibliográfica dos processos linguísticos envolvidos. *Educação em Revista*, [S. l.], v. 22, n. esp2, p. 39–54, 2021. DOI: 10.36311/2236-5192.2021.v22esp2.p39. Disponível em:



<https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/educacaoemrevista/article/view/12191>.

Acesso em: 8 set. 2024.

STEWART, J. Foundational Issues in Enaction as a Paradigm for Cognitive Science: From the Origin of Life to Consciousness and Writing. In: STEWART, J., GAPENNE, O., Di PAOLO, E. (ed.) *Enaction: Toward a New Paradigm for Cognitive Science*. Cambridge: MA, 2010.

SUTTON, Valerie. *Lições sobre o SignWriting*. Trad. Marianne Rossi Stumpf. DAC – Deaf Action Committee for SignWriting, 1995. Disponível em: <http://www.librasgerais.com.br/materiais-inclusivos/downloads/Licoes-de-SignWriting.pdf>. Acesso em: 03 set. 2024.